

INÍCIO > FORBES MONEY > Vale a pena investir em empresas em recuperação judicial? Especialistas respondem

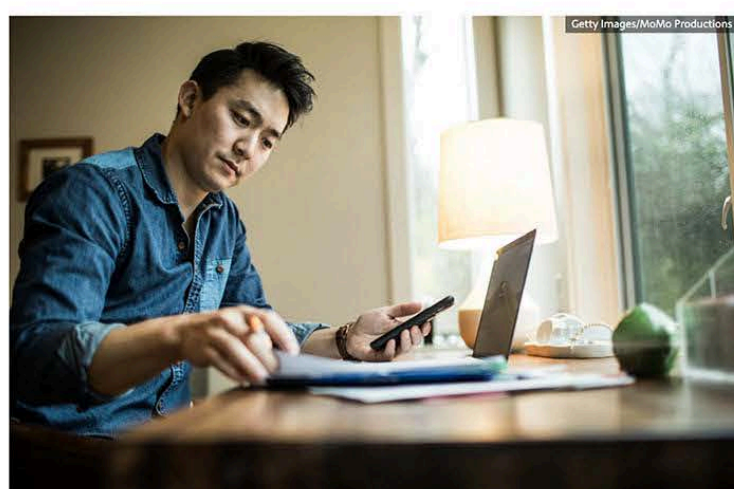
Vale a pena investir em empresas em recuperação judicial? Especialistas respondem

Forbes MONEY Artur Nicoceli e Beatriz Calais

23 de março de 2021 Forbes Money, Negócios, Principal



Ouvir: Vale a 0:00 ouvir



De acordo com dados da B3, cerca de 5% das companhias listadas na Bolsa brasileira estão atualmente em recuperação judicial

Um dos mantras mais repetidos no **mercado financeiro** é que investir em ações é tornar-se sócio de empresas, algo que vai muito além de uma simples aplicação financeira. Isso significa dizer que os reveses das companhias, e da economia, nem sempre podem ser antecipados com a agilidade que os acionistas desejam, mas onde estão os riscos, também podem estar algumas oportunidades. Este é o dilema dos investidores em empresas passando por processos de **recuperação judicial**. De acordo com dados da **B3**, cerca de 5% das companhias listadas na Bolsa brasileira estão atualmente em recuperação judicial.

O processo, embora venha rodeado de incertezas, é uma alternativa comum utilizada por companhias com graves problemas financeiros, oferecendo amparo legal ainda a fornecedores, funcionários e consumidores dessas empresas. De acordo com Corrado Varoli, CEO da companhia de serviços financeiros G5 Partners, uma vez iniciado o processo de recuperação, um juiz irá suspender as cobranças de credores para a negociação de um acordo. A empresa, por sua vez, deverá apresentar uma estratégia de reestruturação viável, avaliada pelos próprios credores e pela justiça. "Essa fase de pré-negociação é muito complicada para as instituições, pois elas começam a perder clientes e a cultivar uma imagem negativa no mercado", comenta.

De todo modo, segundo Varoli, ainda existem vantagens para quem investe em empresas nessas situações. "No caso de uma empresa pública na Bolsa de Valores, por exemplo, o investidor pode comprar as ações por um valor muito mais baixo durante a recuperação judicial. Ainda assim, é uma decisão arriscada. Ninguém sabe qual vai ser o resultado do processo", opina Varoli, completando que o investimento fica muito mais interessante quando se trata do pós-recuperação. "Uma vez que a companhia fica livre, o risco é mitigado. Ninguém sai da situação e vira a Apple instantaneamente, mas existe um planejamento para que tudo funcione a longo prazo. Nesse sentido, a resposta é positiva mesmo após uma fase ruim."

Para Leonardo Nascimento, sócio da Urca Capital Partners, o segredo para um investimento de qualidade em empresas em recuperação judicial é o conhecimento. "Antes de investir em uma companhia nesse processo, é importante entender em qual fase da recuperação ela está. Se o plano já foi aprovado pelos credores e homologado judicialmente, é mais seguro". De certa forma, a lógica é uma condição comum do mercado financeiro: quanto maior o risco, maior é a possibilidade de obter retorno. "A precificação desse tipo de ativo é muito depreciada em relação ao preço justo dos negócios", diz Nascimento, explicando que esse cenário pode beneficiar investidores caso, eventualmente, o valor das ações suba.



Na análise do CEO da G5 Partners, outro fator positivo dos processos é a ampliação na transparência das empresas envolvidas. "Durante a recuperação judicial, a tendência é assistir as companhias agindo com certo exagero, expondo todos os defeitos da gestão para tentar diminuir o custo da dívida". De certa forma, isso deixa claro para os investidores quais os riscos ao investir ou comprar suas ações, diminuindo as chances de uma surpresa indesejada.

Confira na galeria abaixo a situação atual de 17 empresas listadas em Bolsa e atualmente em recuperação judicial:



Teka (TEKA4)

Recuperação judicial iniciada em 12 de novembro de 2012

Dívida registrada pela empresa: R\$ 458 milhões

A Teka foi criada em 1926, na região de Blumenau (SC), tornando-se uma das maiores fabricantes de artigos de cama, mesa e banho da América Latina. Após décadas de funcionamento, a empresa passou por uma forte crise em 2012, fruto da queda das exportações brasileiras com a valorização do real, alta carga tributária e crise do preço do algodão. Na época, a companhia começou a ter problemas com fluxo de caixa e pediu recuperação judicial.

Diferente de outras histórias de sucesso, como a da Avibras, que encerrou seu processo em apenas dois anos, a Teka não conseguiu se recuperar rapidamente: entre 2012 e 2017, acumulou dívidas extraconcursais – aquelas geradas após a recuperação judicial ser concedida. Em 2018, teve o seu time administrativo substituído e passou a lidar com os altos juros de dívidas passadas. Atualmente, a situação permanece complicada: ao fim de novembro de 2020, os passivos totais da empresa somavam R\$ 1,4 bilhão, dos quais, R\$ 998,5 milhões referiam-se a dívidas tributárias e R\$ 458,8 milhões a dívidas sujeitas ao plano de recuperação judicial.

No pregão de ontem (22), os papéis da companhia fecharam em R\$ 19,44.

ESCOLHAS DO EDITOR

- As 100 maiores empresas do agronegócio brasileiro em 2020**
21 de março de 2021
- Não são só números: 5 bilionários brasileiros graduados em cursos de humanas**
18 de março de 2021
- 5 hotéis pelo Brasil com vistas extraordinárias**
15 de março de 2021
- Quanto custa a segurança de Meghan Markle e Príncipe Harry nos EUA**
13 de março de 2021
- 18 Mulheres para acompanhar no mercado financeiro**
8 de março de 2021

Força de trabalho capacitada. Ambiente confiável. Desenvolva a resiliência na sua empresa com a Cisco.

Comece aqui



LEIA TAMBÉM

- Uma pausa criativa (ou como parar 1 rodada e avançar 10 casas)**
23 de março de 2021
- Confusão toma conta de mercados turcos após decisão sobre banco central**
23 de março de 2021
- IBovespa recua com terceira onda de Covid-19 alimentando cautela global**
23 de março de 2021
- GPA diz que não há processo em andamento envolvendo participação na Cnova**
23 de março de 2021
- Em ata, Banco Central destaca peso de riscos fiscais para decisão sobre a Selic**
23 de março de 2021
- IRB Brasil RE tem lucro de R\$ 17,9 milhões em janeiro**
23 de março de 2021
- Febrean recomenda uso de canais digitais, mas bancos não antecipam feriados**
23 de março de 2021
- Forbes Radar: CM Hospitalar, Petrobras, Blau Farmacêutica e outros destaques corporativos**
23 de março de 2021
- Confiança do consumidor é a menor em 10 meses com o recrudescimento da pandemia no Brasil**
23 de março de 2021
- Loft recebe o maior aporte da história do ecossistema brasileiro de startups**
23 de março de 2021
- BREAKING NEWS: Vórtex recebe aporte de R\$ 190 milhões do fundo FTV Capital**
23 de março de 2021
- Produção de laminados da Usiminas cresce 19% no ano até 20 de março**
23 de março de 2021

Forbes de CAMAROTTI **Forbes de Camarotti #8: José Neves, fundador e CEO da Farfetch**
Forbes CAST

15 44:34